

Daniel,

Buscando pensar junto “busílis” e o que foi realizado a partir desta provocação, leio *Eu sou Brasília*. Gostei muito do texto. Se pudesse fazer uma progressão de palavras a partir da leitura seria:

Busílis Brasília

Busílis Brasília Tempo

Busílis Brasília Tempo Vento

Busílis Brasília Tempo Vento Política

Busílis Brasília Tempo Vento Política Teatro

E claro que estas palavras tensionam memória, afeto, história, ficção, invenção.

“Busílis é o cerne da questão, a dificuldade, o problema”.

Busílis teatro, busílis palavra, busílis dramaturgia, que nunca dá conta de nada, graças, de contar nada, graças. *Eu sou Brasília* dá a ver uma Brasília pulsando, gemendo, dá a ver pensamento, criticidade, histórias, invenções, memória, linguagem.

É bacana ler em voz alta o texto, as palavras vão abrindo um horizonte semântico político, árido, poético, sonoro, inventivo, onde pulsam histórias, memórias do outro, de si, do corpo cravado, suado, planejado, pasmado.

“Porque nada se move do lado de dentro”.

“é como é”.

Daniel, muito interessante esta relação de amor entre Ele e Ela.

Ela, cidade-ser, cidade-vento, cidade-mulher, nascente-candente-cadente, cidade a morrer.

Ele, presença sempre. Ele que sempre vem e venta. Ele que não a deixa, nunca.

Ele/Ela/Elo: “Sempre soprando sempre”.

Cidade. Ela. Ele. Eles. Ele e ela. Elo.

Os diálogos se articulam neste lugar tênue, entre-vida, quase consciência, no entanto, poesia, ainda, memória indelével, de algo que escapa, que sempre escapa, ou como você diz sobre o acontecer entre duas pessoas, “a menor coisa já se escapa”.

O que fica de tanta “decoreba”?

Nada.

A não ser afeto.

Brasília afeto. Brasília afeta.

Tudo. Todos. Cada um. Os planos. O cotidiano. O pequeno e o grande.

Bachelard diz “Dar irrealidade à imagem ligada a uma forte realidade nos põe diante do sopro criador da poesia”.

Daniel, na aridez de seu texto, potente, é bonito ver soprar também a força do irreal, do que está aí mas não está. Acho que você pode até dar mais vazão aos desejos tornando-se palavras, e no abrir das palavras eclodir os conteúdos semânticos e poéticos, sem meta, sem ânsia de contá-los, deixando-os viver nas entranhas ferventes da nossa história e da nossa imaginação.

Acho que você faz isto, muito bem, mas podia cavar mais. Por exemplo, destrinchar mais quando Ela fala pela primeira vez que o vento parou. Não sobre o vento. Mas sobre as sensações de quem percebe o entorno, sensorialmente, materialmente. Você poderia tensionar aí as inquietudes desta cidade-ser, cidade-vento, deste Ela numa linha

tênue pendente entre tédio e medo. Entre linha contínua vivente num mesmo lugar e desejo de ruptura, de rompimento.

Acho interessante também você aprofundar mais, se achar que tem a ver, este desejo de lembrança, de não esquecer. Buscar inserir em alguns diálogos mais a tensão daquilo que escapa, sempre, e daquilo que queremos reter. Lembrança e esquecimento. Você poderia, de repente, romper o fluxo ágil, curto e seco dos diálogos (muito bom, diga-se de passagem), e espaçar mais as palavras, soltar o verbo, digredir, transgredir, tanto o ritmo quanto as sensações destas forças do desejo, do medo, da lembrança, da memória, do pertencimento, do esquecimento... a linguagem, então, ganhando um outro vento. Pensa nisso. Seria legal você, se quiser, ir a Nietzsche, quando ele fala sobre esquecimento. Bem, é totalmente diferente, ele afirma a importância do esquecimento, mas só pra você tornar este conteúdo tão potente mais ambíguo, complexo, investigar mais estes campos semânticos, políticos, existenciais, fazendo-os pulsar mais distendidos na própria linguagem. Se te interessar, Nietzsche fala do esquecimento na *Genealogia da moral*, e Deleuze vai discorrer sobre o assunto em *Nietzsche e a filosofia*, no capítulo “Ressentimento e má-consciência”.

Acredito que tem outro momento em que você poderia alargar mais o texto, mas agora no próprio diálogo, que é quando Ele fala sobre a primeira morte em torno da capital. O texto já cria de maneira muito inventiva temporalidades, atravessamentos de acontecimentos reais e inventados, tensionando realidade, ficção e imaginação. Sugiro você experimentar neste jogo entre memórias e esquecimentos, fatos e invenções, oscilações a partir do conteúdo “mortes”. Falas inventadas do medo, da vulnerabilidade de tudo e de todos, da violência, do autoritarismo, do fascismo, da (im)potência, enfim, deixar a textualidade imprecisa, mas potente, a partir de milhares de mortes acontecidas e imaginadas. Produzir um traço dramático caótico interligando as lembranças, as falas, as lacunas, os espantos, os desassossegos. Um momento alongado de diálogo ritmado por mortes, e tudo que daí possa reverberar. Um vai-e-volta ininterrupto produzido pela fala ritmada em diálogo. Algumas vezes você me remeteu a Beckett, e acho que o conteúdo semântico que te inquieta pode ser ainda mais explorado, com densidade, aridez e ritmo. Tudo isto já está no texto, é uma questão de aproveitar mais o próprio fluxo rítmico e, talvez, não sei se é bem esta palavra, mas tentando sintetizar, emburacar, cavar mais profundamente as dores de uma cidade em pasmo. Sitiada, uma cidade que nasceu para... deliberar?

Penso ainda que podia ficar muito bacana você usar ecos de vozes, offs, reverberar o texto no espaço, intensificar os diálogos a partir de uma contundência sonoro-cênica. Como se as palavras pudessem explodir, gritar, pular fora do espaço, sair de Brasília. E o mesmo também no sentido de ampliar a solidão de Brasília, a contenção, o afunilamento especial, o não sair do lugar, o não ver o fora, portanto não ver a si mesmo. Experimentar mais o fora-dentro, dentro-fora, que o texto propõe, e que pode ser explorado também como um jogo, plástico-sonoro, além das palavras escritas, mas com palavras e sonoridades e reverberações.

Acho instigante se você pensar o vento - muito bem inserido e realizado no texto - enquanto sonoridade ensurcedora também. Ele não é só palavra, ele é força, espaço, silêncio, espanto, pressentimento, presença, vazio. Lembro aqui o início de *Dias Felizes*, de Beckett, na montagem de Bob Wilson que vi em BH, num festival de teatro. Começava com um som ensurcedor de trem chegando numa estação, um “barulho”

insuportável, trepidante, desesperador. E um paredão de luz pulsando aquela força sonora toda. E de repente, nada. Somente a plasticidade da cena, areia, solidão, e Winie.

Você realiza de maneira muito interessante o vento enquanto força fora-dentro, dentro-fora. A cidade muda, Ela sente o vento, os ventos, as variações de ventos. (16 variações). E os silêncios, a inquietude quando não se venta, não se sabe, só se espreita. A inquietude que dá a ver o tédio, ou o medo. Lembrei aqui dos *16 études* de Meyerhold, não somente pela coincidência numérica, mas pelo sopro de morte que subjaz no teatro dele e que fez Meyerhold buscar a biomecânica para dar conta materialmente de uma cena que fosse tragada pelo tensionamento vida-morte, pela imobilidade e silêncio. Um cena pensada como ritmo, música, capaz de “encantar” o tempo, descolada de uma “representação” de vida. *Eu sou Brasília* é linguagem, foge da representação, ou melhor dizendo, é criação em percurso, e o vento pode ser cenicamente potência também, entende, Daniel?

Falo de Meyerhold porque teu texto traz muito o teatro, uma respiração teatro. Tem a presença árida e rítmica que remete a Beckett, como já falei, tem um teatro abandonado depois de pegar fogo três vezes. De novo a morte, e a resistência. O não morrer, ou o morrer tantas vezes e não desistir. Resistência artística, sempre, ética e política. Me lembrou também *Zona Contaminada*, de Caio Fernando Abreu, onde duas irmãs escapam da “grande catástrofe” e se escondem num porão, e ali ficam isoladas tentando sobreviver e saber o que acontece fora, na zona contaminada. E ainda a *Brasília* de Clarice Lispector, “Os dois arquitetos não pensaram em construir beleza, seria fácil; eles ergueram o espanto deles, e deixaram o espanto inexplicado. A criação não é uma compreensão, é um novo mistério. – Quando morri, um dia abri os olhos e era Brasília. Eu estava sozinha no mundo.”

Então, Daniel, *Eu sou Brasília* tensiona as urgências dos nossos tempos, tão difíceis, e você dá a ver uma linguagem própria, isto o que achei mais bacana. Parabéns! E dá ao pasmo seu lugar de sempre, na tessitura frágil e vulnerável da natureza humana. Gosto demais deste Ele/Ela/Elo. Deste amor à cidade, que sopra algo além do vento, sopra algo que escapa, mas que, parece, fica para sempre.

Quero ver encenado!

Beijo,



Ana Kfoury